

A Menina do Mar (excertos) – Sophia de Mello Breyner Andresen

Era uma vez uma casa branca nas dunas, voltada para o mar. Tinha uma porta, sete janelas e uma varanda de madeira pintada de verde. Em roda da casa havia um jardim de areia onde cresciam lírios brancos e uma planta que dava flores brancas, amarelas e roxas.

(...)

Certa noite, as ondas gritaram tanto, uivaram tanto, bateram e quebraram-se com tanta força na praia, que, no seu quarto caído da casa branca, o rapazinho esteve até altas horas sem dormir.

(...)

De manhã quando acordou estava tudo calmo.

(...) aconteceu de repente uma coisa extraordinária (...)

A menina, que devia medir um palmo e meio de altura, tinha cabelos verdes, olhos roxos e um vestido feito de algas encarnadas. E estavam os quatro numa poça de água muito limpa e transparente toda rodeada de anêmonas. E nadavam e riam.

(...)

- Eu sou uma menina do mar. Chamo-me Menina do Mar e não tenho outro nome. Não sei onde nasci. Um dia uma gaivota trouxe-me no bico para esta praia. Pôs-me numa rocha na maré vazante e o polvo, o caranguejo e o peixe tomaram conta de mim. Vivemos os quatro numa gruta muito bonita. O polvo arruma a casa, alisa a areia, vai buscar a comida. É de nós todos o que trabalha mais porque tem muitos braços. O caranguejo é o cozinheiro. Faz caldo verde com limos, sorvetes de espuma, e saladas de algas, sopa de tartaruga, caviar e muitas outras receitas. É um grande cozinheiro. Quando a comida está pronta, o polvo põe a mesa. A toalha é uma alga branca e os pratos são conchas. Depois, à noite, o polvo faz a minha cama com algas muito verdes e muito macias. Mas o costureiro dos meus vestidos é o caranguejo. E é também o meu ourives: ele é que faz os meus colares de búzios, de corais e de pérolas. O peixe não faz nada porque não tem mãos, nem braços com ventosas como o polvo, nem braços com tenazes como o caranguejo. Mas é o meu melhor amigo. Como não tem braços nunca me põe de castigo. É com ele que brinco. Quando a maré está vazia brincamos nas rochas, quando está maré-alta damos passeios no fundo do mar. Tu nunca foste ao fundo do mar e não sabes como lá tudo é bonito. Há florestas de algas, jardins de anêmonas, prados de conchas. Há cavalos-marinhos suspensos na água com um ar espantado, como pontos de interrogação. Há florestas que parecem animais e animais que parecem flores. Há grutas misteriosas, azuis-escuras, roxas, verdes, e há planícies sem fim de areia fina, branca, lisa.

(...)

-Tenho tanta curiosidade da terra – disse a Menina – amanhã, quando vieres, traz-me uma coisa da terra.

(...)

- Trago-te aqui uma flor da terra – disse – chama-se uma rosa.

(...)

Até que a maré começou a subir e o rapaz teve que se ir embora.

(...)

- Trouxe-te isto – disse – é uma caixa de fósforos.

(...)

Até que a maré subiu e despediram-se.

(...)

- Hoje trago-te uma coisa da terra que é bonita e tem lá dentro alegria. Chama-se vinho.

- (...) Leva-me a ver a terra. Eu quero ir ver a terra. Há tantas coisas que eu não sei. O mar é uma prisão transparente e gelada. No mar não há Primavera nem Outono. No mar o tempo não morre. As anêmonas estão sempre em flor e a espuma é sempre branca. Leva-me a ver a terra.

(...)

Até que a maré subiu e o rapaz foi-se embora.

(...)

Amanhã já não volto aqui porque a Raia, para me castigar de eu ter querido fugir, decidiu que esta noite ao nascer da Lua serei levada pelos polvos, para uma praia distante (...).

(...)
 Então o rapaz viu o céu ficar preto, deixou de ouvir o barulho das ondas e esqueceu-se de tudo. Estava desmaiado. (...)

(...)
 Até que chegou o Inverno. (...) E numa manhã de nevoeiro (...)
 - Venho da parte da Menina do Mar – disse a gaivota. Ela manda-te dizer que já sabe o que é a saudade. E pediu-me para te perguntar se queres ir com ela ao fundo do mar.

(...)
 - O frasco que te dei tem dentro suco de anémons e suco de plantas mágicas. Se beberes agora este filtro passarás a ser como a Menina do Mar. Poderás viver dentro da água como os peixes e fora da água como os homens.

(...)
 O rapaz (...) correu para as ondas e nadou até ao golfinho.
 - Agarra-te à minha cauda – disse o golfinho.
 E foram os dois pelo mar fora.
 Nadaram muitos dias e muitas noites através de calmarias e tempestades.
 Atravessaram o mar dos Sargaços e viram os peixes voadores. E viram as grandes baleias que atiram repuxos de água para o céu e viram os grandes vapores que deixam atrás de si colunas de fumo suspensas no ar. E viram os icebergues majestosos e brancos na solidão do oceano. E nadaram ao lado dos veleiros que corriam velozes esticados no vento. (...)
 Aí estavam os antigos navios naufragados com os seus cofres carregados de ouro e os seus mastros quebrados cobertos de anémons e conchas.
 Depois de nadarem sessenta dias e sessenta noites chegara a uma ilha rodeada de corais.

(...)
 - É aqui: entra e encontrarás a Menina do Mar.

(...)
 - Agora nunca mais nos separamos – disse o rapaz.

(...)
 - Agora a tua terra é o mar – disse a Menina do Mar.

(...)

UM CONTO, DUAS ABORDAGENS: estrutura de superfície; estrutura profunda

A. Leitura infanto (?) –juvenil do conto de Sophia

1. O título.
2. O maravilhoso e o fantástico no processo de sedução do leitor.
3. A Construção identitária.
4. As personagens, os valores e os modelos.
5. As características discursivas definidoras da faixa etária.

B. Outra(s) leitura(s) do conto de Sophia

1. O(s) tema(s).
2. As questões ideológicas subjacentes.
3. Os elementos simbólicos.
4. A interpretação psicanalítica.

INTERTEXTUALIDADES

1. Eros e Psique

Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A que só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada

Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à princesa vem.

A Princesa adormecida
Se espera, dormindo espera.
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.

A Princesa adormecida
Se espera, dormindo espera.
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.

Mas cada um cumpre o destino-
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde com sono ela mora.

E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.

... E assim vedes, meu Irmão, que as verdades que vos foram dadas no Grau de Neófito, e aquelas que vos foram dadas no Grau de Adepto Menor, são, ainda que opostas, a mesma verdade.

Do ritual do grau de Mestre do Átrio na Ordem Templária de Portugal.

in *Obra Poética*, Fernando Pessoa

2. Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho, logo, mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minh'alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,
Pois consigo tal alma está liada.
(...)

in *Obras Completas*, Camões (excerto de soneto)

3. É no Palácio Espiritual
Rodeado pelas águas
Que têm início as provas.

in *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias*, Natália Correia

4. Na orla do mar

Na orla do mar,
no rumor do vento,
onde esteve a linha
pura do teu rosto
ou só pensamento
– e mora, secreto,
intenso, solar,
todo o meu desejo –
aí vou colher
a rosa e a palma.
Onde a pedra é flor,
onde o corpo é alma.

Eugénio de Andrade, in *Antologia Poética*

5. Insatisfação

Estende o mar o seu manto de cetim
No corpo das areias conquistadas;
Esbraseia o sol em rútilo festim
Sobre o corpo das ondas revoltadas!

Ensaia o vento em límpido clarim
A louca sinfonia das rajadas,
E a vastidão do mar é um jardim,
Com lendas e quimeras semeadas.

Lateja a terra desgrenhada e quente,
Mostrando aos céus o corpo feiticeiro
Num lúbrico impudor irreverente.

Que maldição terrível e sem par,
Não ter eu braços para o Céu inteiro,
E não ter olhos para todo o mar!

in *Obra Poética*, J. C. Ary dos Santos

6. Do Amor Que Acorda O Espírito Que dorme

A Alma

Votada ao fogo obediente ao perigo
Feroz do amor ser muito e o tempo pouco,
Chegas ébrio de sonho, ó estranho amigo
E eu não sei se por mim és anjo ou louco.

Num beijo infindo queres morrer comigo,
Nesse extremo és sagrado e eu não te toco.
Esquivo-me: o teu sonho mais instigo.
Fujo-te: a tua chama mais provoco.

A incêndio do teu sangue me condenas
E com ciumentas ervas te envenenas
Dizendo às nuvens que só tu me viste.

Bebendo o vinho de amantes mortos queres
Que eu seja a mais prateada das mulheres.
E de ser tão amada eu fico triste.

in *O Sol nas Noites e o Luar nos Dias*, Natália Correia

[Pesquisar outras intertextualidades: *O Cântico dos Cânticos*, o mito de Adão e Eva, a cantiga de amigo “Sedia-m’eu na ermida de San Simon”, o poema “Menino Jesus”, de Alberto Caeiro, *O Príncipezinho*,...]